

Novos donos da Vale assumirão 66 empresas

Receita bruta do conglomerado foi de R\$ 3,2 bilhões em 1994. Minério de ferro e pellets responderam por 53% deste montante

por Ivo Ribeiro
de São Paulo

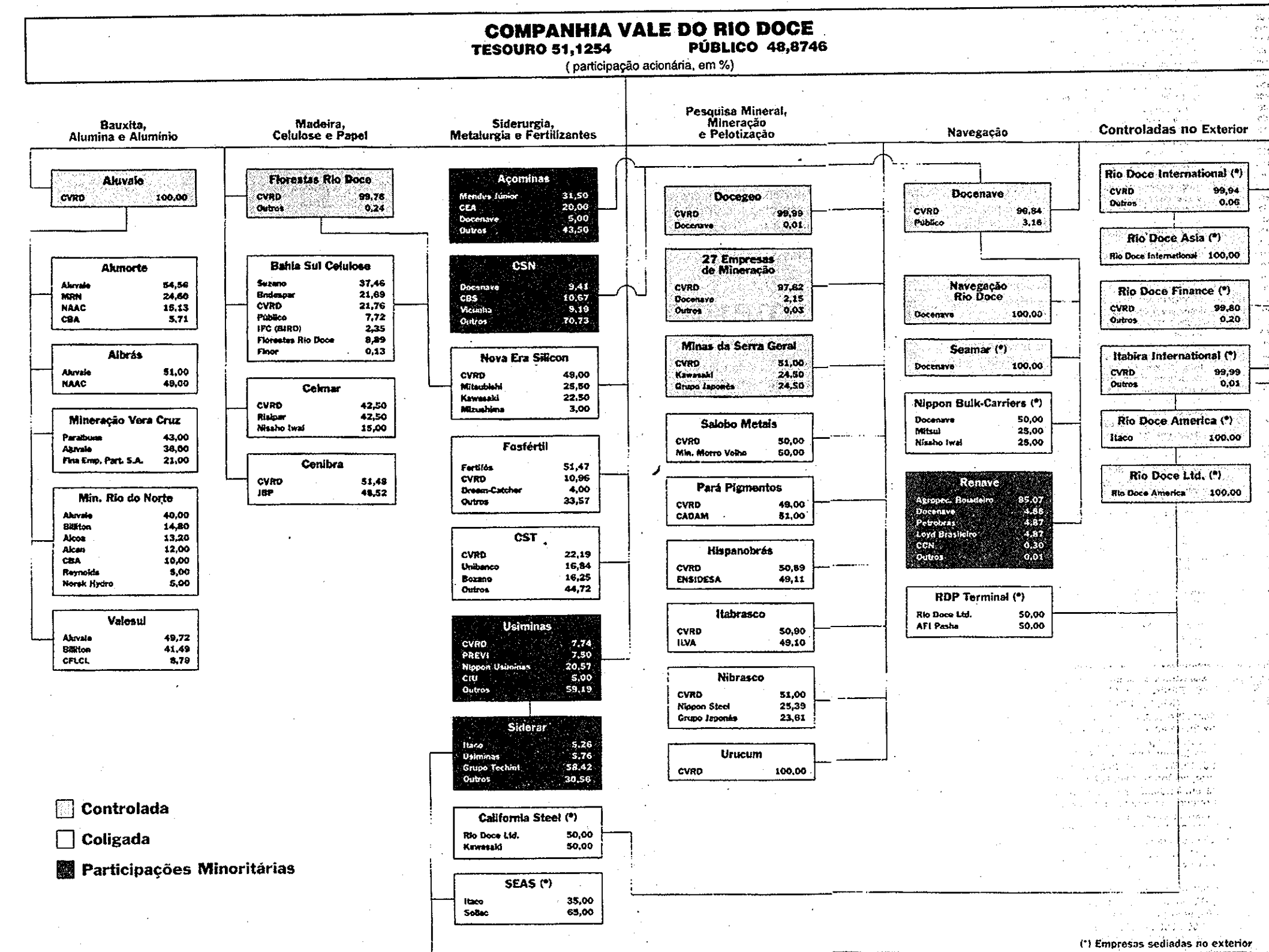
Ao decidir vender integralmente a Companhia Vale do Rio Doce, o governo estará passando ao setor privado não apenas a maior produtora e exportadora de minério de ferro do mundo. Os novos donos, dentro de um ano, se for cumprido o prazo estipulado, estarão assumindo o comando de um conglomerado de 66 empresas, formado por 40 controladas (incluindo 27 pequenas empresas de mineração para obtenção de alvarás de pesquisa de jazidas), 21 coligadas e cinco participações minoritárias. Esse grupo de empresas rendeu, em 1994, uma receita bruta de R\$ 3,264 bilhões e um lucro líquido de R\$ 546 milhões (US\$ 645 milhões).

Associada a mais de 80 empresas nacionais e do exterior, principalmente com os japoneses, a Vale tem atuação multidiversificada, desde minério de ferro e pellets — o grande negócio da companhia, responsável por mais da metade de sua receita —, ouro, manganês, bauxita, cloreto de potássio, alumínio, ferroligas, fertilizantes, pesquisa mineral, siderurgia, ferrovia, portos e transporte marítimo, até papel e celulose. Possui sete empresas controladas e duas coligadas nas áreas de navegação, negócios, metalurgia e siderurgia com sedes no exterior.

Na sua principal área de atuação, minério de ferro e pellets, que respondeu por 53% da receita consolidada em 1994, a Vale comercializou 101 milhões de toneladas, sendo 69,1 milhões destinadas ao mercado externo, a receita total somou US\$ 2,040 milhões. A estatal opera duas grandes minas — Carajás, no Pará, e complexo Itabira, em Minas Gerais — além de outras menores, Capanema e Timbopéba, na região de Ouro Preto (MG). Juntas, detêm reservas de 38 bilhões de toneladas do minério, suficientes para quase 400 anos de exploração nos níveis atuais.

Em Capanema está associada com um grupo de empresas japonesas lideradas pela Kawasaki na Minas da Serra Geral, produzindo 10 milhões de toneladas por ano. No complexo de pelotização de Tubarão, em Vitória (ES), possui seis usinas: duas próprias e quatro operadas em associação com japoneses (Nibrasco), italianos (Itabasco) e espanhóis (Hispanobrás). Tem capacidade para produzir 19 milhões de toneladas anuais de pellets. Esses sócios são grupos siderúrgicos, grandes clientes da mineradora, que exporta seu produto para quase 30 países de todo o mundo.

A competitividade para suas minas de ferro é propiciada pela sinergia (integração) com as ferrovias Estrada de Ferro Vitória-Minas e Estrada de Ferro Carajás e os portos de Tubarão, no Espírito



to Santo, e Ponta da Madeira, em São Luís, no Maranhão. A integração é completada pela sua frota de navios, operada pela controlada Docenave, e mais quatro empresas da área de navegação (ver organograma ao lado).

OURO

Há dois anos, a Vale consolidou-se como a maior produtora de ouro da América Latina. Operando cinco minas no Pará, na Bahia e em Minas Gerais tem planos para extrair e fundir 17 toneladas neste ano, após a duplicação no final do ano passado, de Igarapé Bahia, para 10 toneladas anuais, que se tornou a maior mina da América do Sul. Duas novas minas começam a ser implantadas neste ano: Caeté, em Minas Gerais, e Almas, em Tocantins. Os planos da mineradora é chegar ao ano 2000 produzindo 1 milhão de onças-troy (31 toneladas). Para isso, conta com 4 toneladas da produção de cobre do projeto Salobo, a partir de 1999, e de novas minas que quer montar

até lá em parceria. Suas reservas atuais conhecidas são de 300 toneladas.

MANGANÊS

Duas minas — Manganês do Azul, em Carajás, e Urucum, em Corumbá (MS) — estão capacitadas a produzir 2,3 milhões de toneladas de manganês para fabricação de ferroligas e aço (metalúrgico), pilhas e baterias e indústria química. As reservas to-

Produção de ouro deverá atingir 31 toneladas até o final da década

tais do minério somam 131 milhões de toneladas. A mina de Corumbá é operada pela coligada Urucum Mineração, desde o ano passado sob controle total da Vale.

Através da controlada Itabira Internacional, da área de negócios, a estatal possui participação de 35% desde 1992 na Société Européenne d'Alliages pour la Siderurgie

(SEAS), produtora de ferromanganês francesa. Essa empresa foi sua principal cliente em 1994, com a aquisição de 235 mil toneladas de manganês extraído na mina de Carajás. Foi uma associação estratégica: garantir mercado e agregar valor ao minério, produzindo ligas, com preço quatro a cinco vezes superior.

FERTILIZANTES

Com uma mina arrendada da Petrobrás em 1992, em Sergipe, a Vale é a única produtora de cloreto de potássio (matéria-prima para a indústria de fertilizantes) do País. Produziu 404 mil toneladas no ano passado e tem planos para chegar a 700 mil toneladas em 1997, absorvendo cerca de 20% do mercado brasileiro. Na coligada Fosfértil, em Uberaba, privatizada há três anos, participa da fabricação de fertilizantes fosfatados (ácido fosfórico, superfosfato triplo e fosfato monoamônio).

FERROLIGAS

Na Nova Era Silcon, em

Minas Gerais, em parceria com três empresas japonesas, possui capacidade instalada para ofertar anualmente 34 mil toneladas de ferro-silício, matéria-prima para a indústria siderúrgica e de fundição. Com essa empresa, a Vale agregou valor ao seu minério de ferro, utilizado na fabricação da liga.

SIDERURGIA

Com o programa de privatização das usinas siderúrgicas estatais, a Vale ampliou pequenas participações que possuía na Usiminas, CST, CSN e Açominas, garantindo poder para vender seu minério de ferro a essas consumidoras. Com a Siderar, na Argentina, a mineradora está presente no capital das principais siderúrgicas da América Latina, responsáveis pela fabricação de 16 milhões de toneladas de aço por ano e consumidoras de aproximadamente 20 milhões de toneladas de minério de ferro. Chegou aos EUA, junto com a Kawasaki, na Califórnia Steel, uma laminadora de

placas fabricadas pela CST, no Espírito Santo.

ALUMÍNIO

Nessa área, iniciada na década de 70, com a Mineração Rio do Norte produzindo bauxita (a matéria-prima básica do alumínio) no Pará, a estatal está completando todo o ciclo neste ano com a montagem da Alunorte, uma refinaria de alumina, produto obtido a partir da bauxita. Com isso, está verticalizada até a produção do lingote de metal, através da Albrás e da Valesul. Está associada com

CVRD tem participação nas maiores siderúrgicas da América Latina

grupos empresariais brasileiros (grupo Votorantim, com a Cia. Brasileira do Alumínio), canadense (Alcan), dos EUA (Alcoa e Reynolds), da Europa, África do Sul (Gencor, por meio da Billiton Metais, adquirida da Shell) e com o consórcio de consumidores NAAC, que reúne 32 empresas do Japão.

A Albrás produz 347 mil toneladas e a Valesul 93 mil de alumínio primário. A Alunorte vai refinar 1,1 milhão de

toneladas de alumina, com bauxita suprida pela Mineração Rio do Norte, que possui capacidade para extrair e beneficiar 8,5 milhões de toneladas por ano. Todas as operações ficam a cargo da "holding" (controlada) Aluvale.

CELULOSE E PAPEL

Nesse setor, iniciado com 19 parceiros japoneses unidos na Japan Brazil Pulp Co na Celulose Nipo-Brasileira S.A. — Cenibra em Minas Gerais, aproveitando as facilidades da Estrada de Ferro Vitória-Minas e os mactos florestais da controlada Florestas Rio Doce, a Vale produziu 387 mil toneladas de celulose no ano passado. Um programa de expansão dobra a capacidade até o início do próximo ano. A Bahia Sul Celulose, na Bahia, com vários parceiros, está instalada com capacidade de 500 mil toneladas de celulose e 250 mil de papel. A Celmar, no Maranhão, é um projeto começado em 1992, com investimentos previstos de US\$ 960 milhões, planeja montar uma fábrica de celulose a par-

tir de 1998 e começar a produzir 500 mil toneladas a partir do ano 2002.

COBRE E CAULIM

A Salobo Metais, com participações iguais da Vale e da Mineração Morro Velho, foi criada para o projeto de cobre e ouro do Salobo, em Carajás, previsto para produzir 200 mil toneladas de cobre e 8 toneladas de ouro. Tem investimentos estimados em US\$ 1,5 bilhão. A Pará Pigmentos, também no Pará, em associação com a Cadam, do grupo Caemi (40%), e a Mitsubishi Co. (20%), inicia operações em 1996 com 300 mil toneladas de caulim "coating" para revestimentos de papéis e tem planos para chegar a 1 milhão de toneladas até 2003.

A Docegeo é a controlada da Vale criada na década de 70 para pesquisar minerais e suas descobertas foram fundamentais para a diversificação da companhia, principalmente na área de ouro. Investe cerca de US\$ 40 milhões por ano para descobrir novas reservas